



#Rio2016

Embates na oficina de sonhos de Maria da Penha

Originalmente publicado no [Medium](#), em 26 de fevereiro de 2016

Autoria de Thiago Mendes / Instituto PACS

Fotos de Aline Furtado / Instituto Pacs



Maria da Penha Macena lives at Vila Autodromo, in Rio. The community struggles against forced eviction beside Olympic Park. Photo: Aline Furtado/Pacs

Vivendo no centro do furacão das remoções forçadas na Vila Autódromo, no Rio, Penha tem uma história de vida marcada por grandes resistências.

A vida de Maria da Penha Macena, 50, pode ser comparada a uma marcenaria que nunca para de funcionar. Há sempre sonhos a construir, expandir ou polir em madeira ou alvenaria pela senhora baixinha, de fala firme e cabelos curtos e enrolados. A julgar apenas pelos seus 1,50 m e 42 kg, é possível antever uma trajetória de garra e luta. Mas a aparência da paraibana dificilmente permite imaginar a cena de Penha, como é conhecida, sendo agredida por golpes de cassetete da guarda municipal e depois ter a cara lavada de sangue.

For an English version of this text, click [here](#)

A cena difícil de conceber aconteceu em junho de 2015, e Penha continua, oito meses depois, enfrentando a ameaça de ver sua casa demolida pelos tratores da guarda municipal. [Atualização: a casa de Penha foi demolida no dia 8 de março de 2016]

Quando o oficial de justiça autorizou o avanço da guarda municipal, às 14h40 do dia 3 de junho de 2015, Penha deu os braços aos vizinhos, segurou-os firme e conseguiu impedir a demolição de mais uma casa na Vila Autódromo. A corrente humana contra a truculência da prefeitura do Rio custou a ela uma fratura em um osso abaixo do olho. Embora tenha se recuperado da agressão, há um marca mais forte a ser curada todos os dias: a lembrança latente de quem há mais de duas décadas convive com a violação de um direito fundamental.



A violência da guarda municipal é lembrada em exposição na Vila Autódromo. Foto: Thiago Mendes/Pacs

“Sou moradora há 22 anos e sou ameaçada de remoção há 22 anos”, resumiu ela dias antes da agressão, numa espécie de previsão.

A valentia de quem enfrenta as remoções na linha de frente está amparada na história da menina que aos oito anos deixou Itabaiana, no estado da Paraíba, para morar com a mãe, a avó e um irmão em um barraco de madeira na Rocinha, uma das mais conhecidas favelas cariocas.

“Éramos quatro. Primeiro veio a minha mãe e eu fiquei com minha vó e meu irmão na Paraíba. Minha mãe conseguiu comprar um barraco e nós viemos”, relembra Penha. Ela não se lembra da longa viagem até o Rio de Janeiro, mas as primeiras memórias na nova cidade ainda estão frescas. Pela primeira vez a menina viu coisas banais como papai noel, televisão e escova de dente.

“Antigamente era um sonho ter uma casa com banheiro, luz, geladeira, televisão. Hoje é possível qualquer pobre ter. Antigamente, não”, compara ela.

Da infância antes da viagem, as cenas também são embaçadas. Chegou a frequentar o colégio, mas saiu porque não tinha dinheiro para comprar uniforme. Lembra a delícia da merenda na escola, pois em casa passava necessidade. Recorda-se também da avó deixando-a sozinha em casa para pedir esmolas na rua.

Mas Penha venceu na Vila Autódromo, onde ergueu aos poucos uma casa espaçosa, com três quartos, cozinha e dois banheiros, um segundo piso onde se reúnem as crianças da catequese da comunidade e um terraço.

“Tudo isso fui eu que construí. O governo não me deu. E eles viram isso ser construído”, descreve Penha. A Prefeitura do Rio luta para conquistar as terras da Vila Autódromo, ao lado do futuro Parque Olímpico. Muitos moradores já deixaram suas casas. Ela é uma das moradoras que insistem em ficar.

A persistência é a mesma da menina que começou a trabalhar aos oito anos num bar, lavando copos, depois servindo café e passando manteiga em pão. No barraco de madeira, no alto do morro, se espremiavam quatro pessoas, sem luz nem água encanada. Penha trabalhava meio período, ia para escola e voltava a trabalhar à noite. “Isso de domingo a domingo. Não tinha folga, não tinha feriado”, conta ela. Do suor nasceu uma pequena poupança, que permitiu comprar um barraco, ainda de madeira, na subida do morro.



A persistência de Penha vem desde a infância. Aqui, com cerca de 12 anos, já trabalhando. Foto: Arquivo Pessoal

*“Quando eu tinha 16 para 17 anos, mais ou menos, eu comecei a ver que eu poderia mudar de vida, que eu queria uma coisa melhor para mim. Eu não queria viver a vida inteira naquele barraco. E como o barraco era num lugar muito alto, meu sonho era descer e viver num espaço maior”,
descreve.*

Penha desceu o morro, mas era sempre para cima seu pensamento.

Vivendo em um barraco melhor, já tendo comprado guarda-roupa e geladeira, a jovem Penha mantinha consigo uma certeza persistente.



Penha também trabalhou em uma pastelaria. Foto: Arquivo Pessoal

“Eu falei: ‘Não quero viver a vida inteira na Rocinha’. Eu sempre tive uma personalidade muito forte. E sempre fui muito determinada. Quando que quero alguma coisa, eu sempre luto muito pelo meu objetivo. Se eu quero aquilo, eu vou lutar por aquilo.”, cita ela.

Aos 20 anos veio a gravidez, a vontade de ter um lugar próprio para criar a filha, “uma menina linda, maravilhosa, cheia de saúde, que é uma bênção na minha vida”, abre-se num sorriso. Para comprar o enxoval, Penha montou uma barraca no meio da rua onde vendia o seu angu à baiana, um prato que faz sucesso até hoje nas festas da igreja na Vila Autódromo.

Quando descobriu a gravidez, Penha trocou os 3,5 mil cruzeiros da poupança por um “barraco velho, caindo aos pedaços”, sem condições de moradia,

também na Rocinha. “Queria que meu filho nascesse e tivesse um lugar para morar. Comecei uma nova etapa na minha vida”, demarca ela. Quando a casa ficou finalmente pronta, a filha já tinha 2 anos e 7 meses. Entre a gravidez e essa data, Penha e o marido moraram de aluguel por nove meses. “Moramos um bom tempo. Fomos muitos felizes. Mas eu continuava com a ideia de que eu não gostaria de morar na Rocinha a vida inteira”. Além da violência e do tráfico de drogas, os becos apertados da favela não permitiam muita privacidade às famílias e o barulho do forró em um bar próximo incomodava todo fim de semana.

A doença da sogra, com câncer, fez surgir na família uma decisão coletiva. “Chegamos à conclusão de que seria bom vender as casas. Mesmo que a gente não conseguisse uma casa grande, mas que a gente conseguisse um terreno grande em que a gente morasse perto uma da outra”, rememora Penha.

E assim a família juntou o dinheiro da venda dos barracos e comprou um terreno na Vila Autódromo, em junho de 1994. Com três meses de moradia surgiu o primeiro boato de que toda a comunidade seria retirada dali. A Prefeitura alegava que o local era fruto de ocupação, e o título de posse dos moradores não era suficiente para garantir o direito à moradia.

“Foi aí que a gente começou a entrar na história da Vila Autódromo. O que a gente ia fazer? Tudo que a gente tinha era aquele dinheiro. A gente já estava morando. Já tinha essa briga enorme e nós não sabíamos”, descreve Penha. E a comunidade tranquila, com espaço enorme para a filha andar de bicicleta, tornou-se um lugar incerto, onde a família temia construir por temer o futuro.

Vieram os Jogos Pan Americanos em 2007 e novo burburinho para a saída de todos. Depois de muitas pressões, a comunidade respirou aliviada quando as competições acabaram. As coisas foram melhorando, com supermercados mais próximos, ônibus que param no ponto construído pelas mulheres da comunidade.

“Sempre disseram que iam tirar a gente, mas nunca vieram negociar conosco. Até hoje ninguém veio perguntar para mim, moradora, se eu quero ir para lá [apartamento] ou onde eu quero ficar”, argumenta Penha.



Penha e sua mãe Antônia: gerações ameaçadas pelas remoções

Na agressão de junho, Penha foi a primeira a ser retirada com o rosto lavado de sangue. “Minha filha me puxou, me tirou para um canto. E eu falei: ‘pode fotografar’ e começou a sair na mídia”.



São José Operário é o padroeiro da comunidade Vila Autódromo.

Penha sabe que não basta a Constituição trazer o direito à moradia para que ele seja assegurado. Há “dores ilegais”, como escreveu o poeta Cassiano Ricardo, ainda longe do foco das câmeras e de enigmáticos corações. “Nosso direito tem que ser reconhecido, respeitado. Se tem uma democracia nesse país, a gente tem que respeitar”, resume ela. Muito procurada pela imprensa, Penha parte para outra entrevista tão logo termina a conversa. Na parede da entrada da casa dela, um quadro de São José Operário, carpinteiro na Galileia, faz lembrar que o trabalho não dá trégua.



Penha semeia resistências, lutas, frutos e doçura na Vila Autódromo